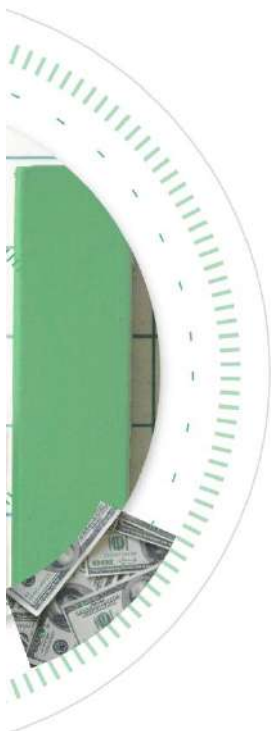


Comportamento Semanal de Mercado

9 a 16 de fevereiro





Postergação com riscos?

Indicadores de inflação divulgados nos EUA alteraram as expectativas para o início do corte da taxa básica de juros de maio para junho. Alinhando-se ao discurso do Federal Reserve (Fed), reduziram-se, também, as projeções de mercado sobre a magnitude do ajuste, que passaram a contemplar um tamanho de corte menor na taxa básica de juros. Como consequência, os preços das *treasuries* caíram e o dólar apreciou-se no mercado de câmbio internacional.

Nesta semana, a divulgação da ata do Comitê de Política Monetária (Fomc) pode atualizar essa discussão, da mesma forma as divulgações do PMI para manufatura e serviços, conjuntamente com as vendas de casas usadas, devem ajudar a mensurar a temperatura da atividade. Porém, pelo lado da atividade, já houve alguns sinais de que a política monetária restritiva esteja surtindo efeito, como mostraram os números relativos às vendas do varejo e à produção industrial. Os preços elevados dos imóveis e as altas taxas de juros das hipotecas têm impactado o mercado imobiliário, com queda nas novas construções. Neste cenário, a manutenção de uma política monetária restritiva por um período maior é um fator de risco para a estabilidade financeira, o que pode se agravar com as renovações de empréstimos que inicialmente foram feitos em um ambiente de baixas taxas de juros.

Como desdobramento do movimento externo nas taxas longas, a inclinação da curva de juros voltou a se elevar. A taxa real de juros *ex-ante* estaria próxima de 6,0% a.a., patamar ainda contracionista, como deseja o Banco Central (BC). Utilizado como indicador antecedente do PIB, o IBC-Br avançou 0,82% em dezembro e 0,22% no 4T23, na série com ajuste sazonal. Com isso, fechou 2023 com uma alta de 2,45%. O resultado reduziu consideravelmente as chances de uma contração do PIB no mesmo período. Também de forma positiva, é esperado um bom desempenho para a arrecadação federal em janeiro, diminuindo a probabilidade de que a meta de déficit fiscal zero seja alterada em março. Com esses números mais favoráveis, as projeções de expansão do PIB, em 2024, do Boletim Focus de 1,60% devem ser elevadas nas próximas edições. No que tange à inflação, o IGP-10 voltou a registrar deflação em fevereiro e o IC-Br exibiu uma tendência confortável para a inflação das *commodities*. Ainda para esta semana, destaques também para o encontro do Comitê de Estabilidade Financeira do BC (Comef), a sondagem do consumidor da FGV, o PMI para manufatura e serviços na Zona do Euro e a inflação ao consumidor da região.

Expectativas

Na semana finalizada em 09/02, o Boletim Focus apresentou pequenos ajustes em relação às projeções encaminhadas em 02/02. No curto prazo, a mediana das estimativas para o IPCA de fevereiro oscilou de 0,69% para 0,70%, para março de 0,28% para 0,27%, enquanto para abril manteve-se em 0,38%.

A mediana das expectativas para o IPCA para 2024 saiu de 3,81% para 3,82% (3,87% em 12/01). Desde jul/23 em 3,50%, a previsão para 2025 aumentou para 3,51%. Já para 2026 e 2027 manteve-se em 3,50% por 32 semanas consecutivas. A inflação para os próximos 12 meses suavizada passou de 3,82% para 3,77% (3,87% em 12/01).

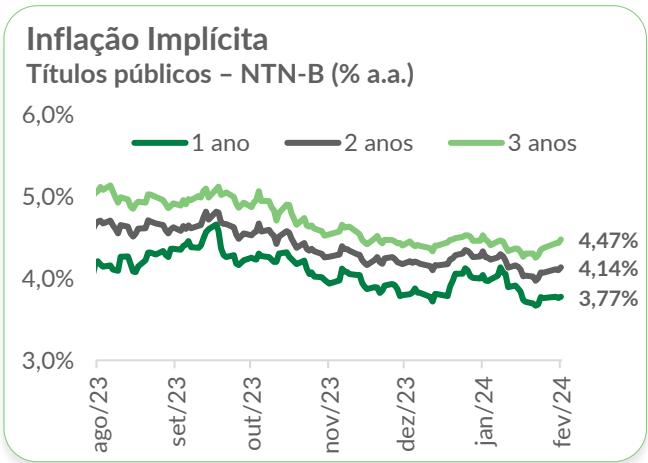
Embutindo os prêmios de risco, a inflação implícita, calculada com base nas negociações das NTN-Bs, para o prazo de 1 ano saiu de 3,76% no dia 09/02 para 3,77% no dia 16/02, a de 2 anos partiu de 4,07% para 4,14%, ao passo que para 3 anos passou de 4,37% para 4,47%.

Sem alterações, o mercado continuou projetando a taxa Selic em 9,00% para o final de 2024 e 8,50% para os fins de 2025, 2026 e 2027. As projeções para o PIB oscilaram de 1,59% há 4 semanas para 1,60%, mesmo nível da apuração anterior. Enquanto para os próximos 3 anos seguiram em 2,00%.

Apesar de alguma volatilidade recente no mercado de câmbio à vista, a taxa projetada para o término desse ano manteve-se em 4,92%, após atingir R\$/US\$ 4,95 há 4 semanas. Para 2025, continuou em R\$/US\$ 5,00. Com apreciação de 0,4% em relação à 12/01, a taxa para 2026 ficou em R\$/US\$ 5,04, ao passo que para 2027 continuou em R\$/US\$ 5,10.

Em relação há 4 semanas, houve uma ligeira melhora no cenário fiscal. As projeções para a dívida líquida do setor público, em relação ao PIB, passaram de 64,25% em 12/01 para 63,60% para 2024, de 66,55% para 66,25% para 2025 e de 69,20% para 68,50% para 2026. Já as estimativas para o déficit primário, em relação ao PIB, continuaram em -0,80% para 2024, variaram de -0,66% em 12/01 para -0,60% para 2025, permanecendo em -0,50% para 2026. Finalizando, as previsões para o resultado nominal, também em relação ao PIB, variaram de -7,00% para -6,80% para esse ano, de -6,39% para -6,29% para 2025 e de -6,00% para -5,86% para 2026.

	IPCA (%)		
	Mediana - agregado		
	09/02/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
fev/24	0,70	0,69	0,65
mar/24	0,27	0,28	0,31
abr/24	0,38	0,38	0,38
2024	3,82	3,81	3,87
2025	3,51	3,50	3,50
2026	3,50	3,50	3,50



Prisma Fiscal – Fev/24

O relatório Prisma Fiscal de fevereiro da Secretaria de Política Econômica (SPE) mostrou uma nova redução nas estimativas para o déficit primário de 2024 e 2025 e na projeção do montante da dívida pública para o final de 2024.

Apesar da meta para o resultado primário ser igual à zero, com um intervalo de tolerância de 0,25% do PIB, para cima e para baixo, o documento indicou uma projeção de um déficit primário de R\$ -83,974 bilhões em 2024, ante uma expectativa de R\$ -86,143 bilhões em jan/24. Com uma meta de um superávit equivalente a 0,5% do PIB para 2025, a mediana das estimativas diminuiu de R\$ -82,759 bilhões em janeiro para R\$ -79,740.

Em relação à receita líquida do Governo Central, a projeção para 2024 passou de R\$ 2,083 trilhões no relatório de jan/24 para R\$ 2,092 trilhões na última divulgação, enquanto para 2025 variou de R\$ 2,214 trilhões para R\$ 2,221 trilhões.

Pelo lado do gasto, a expectativa para as despesas totais do Governo Central para 2024 subiu de R\$ 2,174 trilhões para R\$ 2,178 trilhões.

Já a dívida bruta do Governo Geral (DBGG), principal indicador do estoque de endividamento público, a projeção do mercado reduziu-se de 78,10% do PIB em jan/24 para 77,67% do PIB em fevereiro. Para 2025, a estimativa permaneceu em 80,10%, na mesma comparação.

Levantamento realizado pela Agência Broadcast indicou uma expectativa de arrecadação do governo com impostos e contribuições federais de R\$ 277,0 bilhões em janeiro, com um ganho real de 5,3% em comparação a jan/23. Com o bom desempenho da arrecadação, a probabilidade da meta de déficit fiscal zero em 2024 ser revista ou de o governo anunciar contingenciamento de despesas no mês de março reduziu-se.

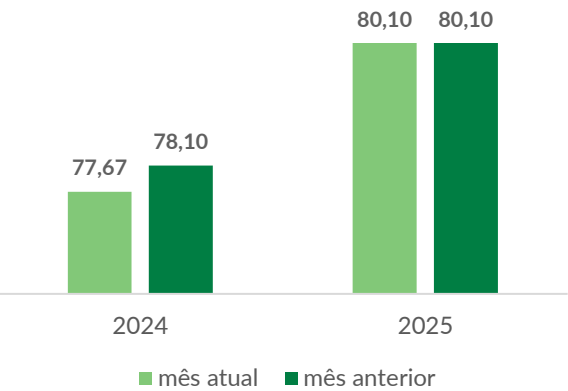
Resultado Primário

Resultado Primário		
Mediana - em R\$ bilhões		
	fev-24	mês anterior
fev/24	-30,79	-28,99
mar/24	-6,47	-7,23
abr/24	20,90	19,07
2024	-83,97	-86,14
2025	-79,74	-82,76

Receita Líquida

Receita Líquida		
Mediana - em R\$ trilhões		
	fev-24	mês anterior
2024	2,09	2,08
2025	2,22	2,21

Dívida Bruta do Governo Central



Fonte: Ministério da Fazenda.. Elaboração ABBC

Economia Internacional

Indicadores de inflação nos EUA divulgados ao longo da semana alteraram as expectativas para o início do corte da taxa básica de juros de maio para junho. Após a surpresa com os números do índice de preços ao consumidor (CPI), o indicador para o produtor (PPI) também trouxe desconforto. O PPI apresentou uma alta de 0,3% em janeiro, superando as projeções da FactSet de uma elevação de 0,1%, na série com ajuste sazonal. A medida de núcleo - que exclui os alimentos, energia e serviços - aumentou 0,6% na comparação mensal, também acima do consenso de um acréscimo de 0,2%. Em termos anualizados, o índice cheio do PPI desacelerou ligeiramente de 1,0% a.a. em dez/23 para 0,9% a.a., acima do consenso de uma alta de 0,7% a.a.. Já a medida de núcleo manteve a expansão de 2,6% a.a..

Segundo a Universidade de Michigan, as expectativas para a inflação em 12 meses cresceram de 2,9% em jan/24 para 3,0% na leitura preliminar de fevereiro, enquanto para o intervalo de 5 anos mantiveram-se em 2,9%. Pelo lado da atividade, o índice de sentimento do consumidor aumentou de 79,0 em jan/24 para 79,6 na leitura preliminar de fevereiro, levemente abaixo do número esperado pela FactSet de 80,0.

Na semana finda em 10 de fevereiro, os novos pedidos por seguro-desemprego somaram 212 mil, montante inferior à estimativa de 219 mil e do dado revisado do período anterior de 220 mil, corroborando o cenário de condições ainda apertadas no mercado de trabalho.

Por sua vez, há alguns sinais de que a política monetária restritiva já possa estar surtindo efeito. Em janeiro, as vendas no varejo caíram -0,8% na margem na série dessazonalizada, o resultado veio bem abaixo das expectativas do levantamento da FactSet, que previa uma baixa de -0,1% no período. Os dados para dez/23 foram revisados para baixo de um avanço de 0,6% para um 0,4%. O número foi pressionado pelo menor volume de vendas nas concessionárias de automóveis. Excluindo-se os automóveis, as vendas no setor varejista americano tiveram uma queda de -0,6% em janeiro.

Nessa linha, o Fed apontou que a produção industrial caiu -0,1% na margem em janeiro, abaixo da estimativa exibida pela FactSet de uma alta de 0,3%. Ademais, a variação do indicador de dez/23 foi revisada de um aumento de 0,1% para estabilidade. Com a revisão do número de dez/23 de 78,6% para 78,7%, a taxa de utilização da capacidade instalada recuou para 78,5% em janeiro.

Por fim, os elevados preços dos imóveis e as altas taxas de juros das hipotecas têm impactado o mercado imobiliário. Em janeiro, o número de novas construções caiu -14,8% na margem, uma queda bem acima da expectativa de -0,7% indicada pelo *The Wall Street Journal*. Já as licenças para novos empreendimentos recuaram -1,5% no período ante uma projeção de um aumento mensal de 0,3%. Neste cenário, a manutenção de uma política monetária restritiva por um período maior é uma fonte potencial de problemas, que tende a se agravar com as renovações de empréstimos que inicialmente foram feitos em um ambiente de baixas taxas de juros. Como muitas instituições financeiras de médio e pequeno porte estão expostas ao segmento, o receio é de que a materialização do risco possa reviver a crise ocorrida no início de 2023.

Na Zona do Euro a economia segue mostrando perda de ímpeto. Após um aumento de 0,4% em nov/23, a produção industrial cresceu 2,6% em dezembro, impulsionada pelo setor de bens de capital, que incorporam máquinas, equipamentos e veículos. Por sua vez, o desempenho continua fraco em setores intensivos em energia. Na semana, a presidente do Banco Central Europeu (BCE) reiterou as suas apreensões em relação aos cortes de juros, assinalando a insuficiência de evidências de que a inflação esteja convergindo de forma sustentável à meta. Confirmando as estimativas preliminares, o PIB da região ficou estável no 4T23, aumentando 0,1% na comparação com o 4T22. Na China, mesmo com o feriado do Novo Ano Lunar, alguns números de alta frequência da atividade sugerem uma recuperação econômica.

Aversão ao Risco

Continuando como principal vetor para a volatilidade dos mercados, a perspectiva sobre o rumo da política monetária a ser praticada pelo Fed ganhou novos contornos com o coro dos seus membros no que diz respeito à paciência para o início da flexibilização e, principalmente, com as divulgações do CPI e do PPI que colocam em dúvida a certeza do processo de convergência da inflação à meta de 2,0%. Conforme foram ocorrendo as divulgações dos indicadores de atividade e inflação, a recomendação foi ganhando força, com as expectativas de mercado estimando o 1º corte para junho. Alinhando-se, ainda, ao discurso do Fed, reduziram as projeções de mercado da magnitude do ajuste, que passaram a contemplar um tamanho de corte menor na taxa básica de juros.

Na sexta-feira (16/02), com 31,6% de probabilidade indicada na ferramenta *Fedwatch* do CME Group, a aposta majoritária era de que os *Fed Funds* estivessem em dezembro na faixa entre 4,25% e 4,50%. Pela plataforma, com 55,3% de chances, a 1ª redução seria de -0,25 p.p. no mês de junho (16,7% em 19/01).

Após os números do CPI e do PPI, houve um avanço na rentabilidade da *T-Note* de 2 anos que subiu de 4,48% a.a. em 09/02 para ao redor de 4,64% a.a. em 16/02. Já o retorno do título de 5 anos passou de 4,14% a.a. para 4,29% a.a., o de 10 anos de 4,17% a.a. para 4,30% a.a. e, por fim, o de 30 anos de 4,37% a.a. para 4,45%.

Membro da área da supervisão do Fed afirmou na sexta-feira que o órgão está atento aos riscos que os bancos incorrem com a deterioração das condições no mercado imobiliário comercial com o prolongamento da política monetária em terreno restritivo. Adicionalmente, estão avaliando a possibilidade de elevar temporariamente as exigências de capital para quem enfrenta problemas na gestão de risco, tendo rebaixado o rating de supervisão de mais instituições financeiras no último ano e aumentado a execução de ações regulatórias.

Na semana, com a pressão no mercado das *treasuries*, houve queda nas bolsas, com o Dow Jones reduzindo-se em -0,1%, o Nasdaq em -1,3% e o S&P 500 em -0,4%. Mesmo com as autoridades monetárias dispostas a sustentar as taxas de juros em níveis restritivos e o fraco dinamismo da atividade, o DAX de Frankfurt fechou a semana passada com um aumento de 1,1% e o índice FTSE de Londres de 1,8%. A melhor perspectiva com relação à demanda chinesa, beneficiou as bolsas asiáticas, assim mesmo com os números na semana indicando que a economia do Japão entrou em recessão técnica no 4T23, o Nikkei 225 avançou 4,3% no período.

A expectativa de recuperação da economia na China deve ter impacto positivo no segmento das *commodities* e na percepção de risco dos países emergentes. Apesar da diminuição das tensões no Conflito no Oriente Médio, a cotação do barril de petróleo tipo Brent fechou a semana em US\$ 83,47, o que representou uma alta de 1,56% no período e de 8,35% no acumulado de 2024, pesando a melhor perspectiva com relação à demanda para 2024.

No cenário interno, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, recuou -4,66 bps. na semana para 131,12 bps., ficando praticamente estável em relação aos 132,43 bps. observados no fechamento de 2023. Alavancado pelos desempenhos de Vale e Petrobras, o Ibovespa subiu 0,5%, mantendo o patamar dos 128 mil pontos.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	16/02/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	128.726	0,5%	-0,4%	17,1%
Nasdaq	15.776	-1,3%	5,6%	33,1%
S&P	5.006	-0,4%	5,0%	22,4%
Dow Jones	38.628	-0,1%	3,4%	14,6%
FTSE 100	7.712	1,8%	2,0%	-3,8%
DAX 40	17.117	1,1%	3,3%	10,2%
Nikkei 225	38.487	4,3%	8,1%	39,0%
Xangai	2.866	0,0%	-1,0%	-11,8%

T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.

Data	Rendimento (%)
26/01/2024	4,15
02/02/2024	4,03
16/02/2024	4,30

Câmbio

Com o aumento das incertezas sobre o processo de convergência da inflação à meta nos EUA, houve na semana a queda nos preços das treasuries e, paralelamente, o fortalecimento do dólar no mercado de câmbio internacional.

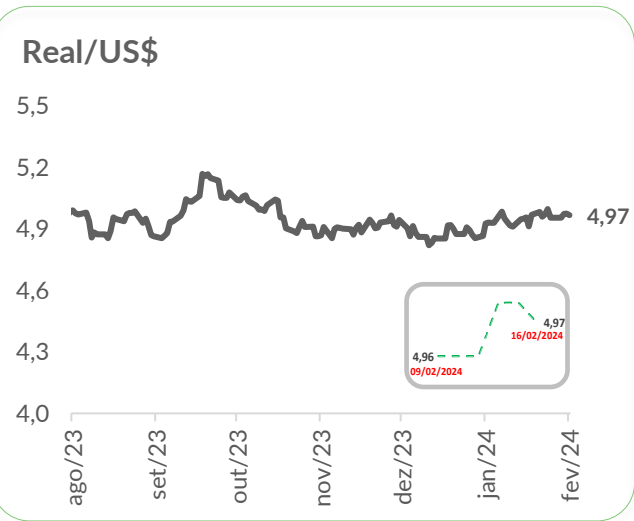
O *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana frente às dos países desenvolvidos, subiu 0,16% na semana, refletindo as depreciações de 0,21% na libra esterlina e de 0,06% no euro.

Em consonância, o índice que mede a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar recuou -0,17%, com destaques para as depreciações de 1,35% no rublo russo e de 0,46% no peso argentino, além das apreciações de 0,74% no rand sul-africano, de 0,33% no peso colombiano e de 0,19% no peso mexicano.

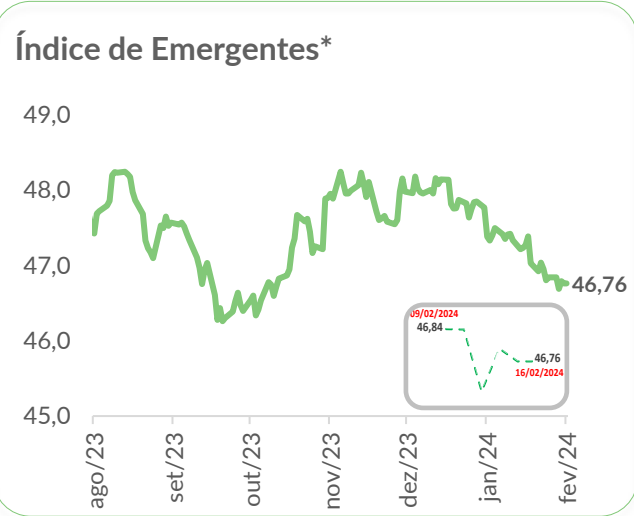
Com desempenho abaixo da média de seus pares emergentes, o real fechou a semana depreciando-se em 0,23%, com o dólar cotado a R\$ 4,97. Na semana entre os dias 5 e 9/02, o fluxo cambial exibiu um resultado líquido positivo de US\$ 320 milhões, decorrentes da entrada líquida de US\$ 436,7 milhões na conta financeira e a saída líquida de US\$ 116,0 milhões na conta financeira. Com isso, no acumulado de fevereiro o resultado ficou positivo em US\$ 5 milhões, fruto de US\$ - 1,445 bilhão na conta financeira e US\$ 1,450 bilhão na comercial.

Ainda na semana, o BC manteve a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/04/2024.

***Cesta de Moedas de países emergentes:**
Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.



Moeda	Cotação do US\$		Variação		
	16/02/2024	Semana	Mês	12 meses	
Real	4,97	0,23%	0,80%	-4,85%	
Euro	0,93	0,06%	0,91%	-0,96%	
Libra esterlina	0,79	0,21%	0,28%	-4,83%	
Rand Sulafricano	18,88	-0,74%	-0,46%	3,95%	
Peso mexicano	17,06	-0,19%	-0,92%	-7,92%	
Peso argentino	835,13	0,46%	2,08%	333,28%	
Peso colombiano	3908,27	-0,33%	-0,87%	-20,68%	
Rublo russo	92,38	1,35%	4,62%	23,37%	
Rúpia indiana	83,02	-0,02%	-0,07%	0,36%	



Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

A Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) voltou a registrar uma elevação na inclinação, com as quedas nos prêmios nos vértices de curto prazo e os aumentos nas taxas de prazo mais longo, em linha com o movimento do exterior.

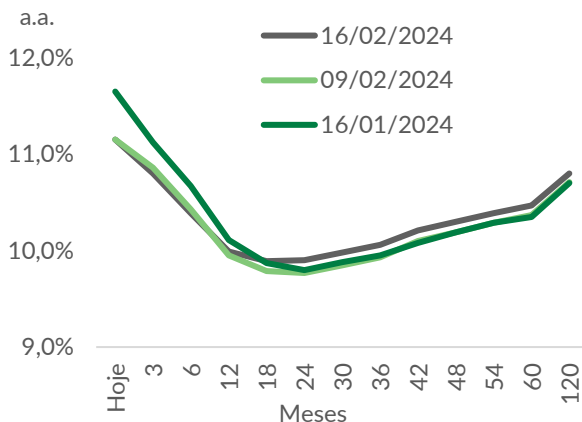
Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 3 meses caiu de 10,86% a.a. para 10,80% e a de 6 meses de 10,43% a.a. para 10,39%.

Em alta, na mesma base de comparação, a taxa de 1 ano saiu de 9,95% a.a. para 9,99% a.a., acumulando uma redução de -0,06 p.p. no ano. Com uma inflação para os próximos 12 meses suavizada de 3,77%, a taxa real de juros *ex-ante* seria próxima de 6,0% a.a., patamar ainda contracionista.

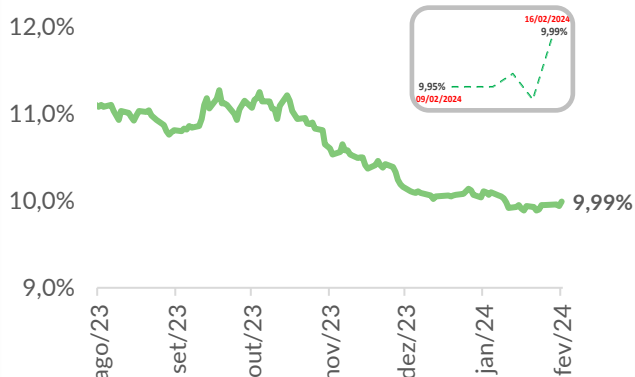
A taxa de juros de 2 anos aumentou de 9,77% a.a. para 9,90%, a de 3 de 9,93% a.a. para 10,06%, a de 4 de 10,19% a.a. para 10,30%, a de 5 de 10,37% a.a. para 10,47% e a de 10 anos saiu de 10,71% a.a. para 10,80%.

Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, cresceu 0,05 p.p. na semana para 0,81 p.p.. Em menor intensidade, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, subiu 0,01 p.p. para 0,98 p.p..

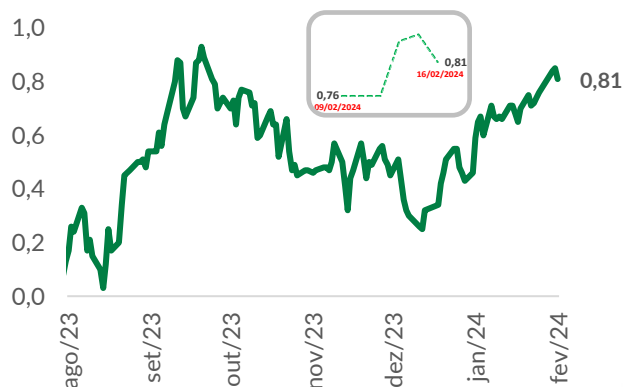
Estrutura a Termo da Taxa de Juros



Taxa de Juros do Swap DI Prefixado de 360 dias



Spread da Taxa de Juros Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IBC-Br - Dez/23

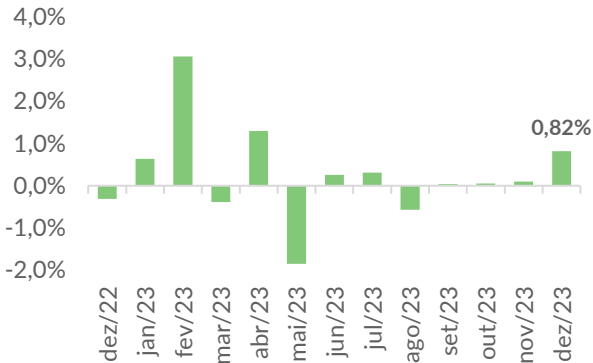
Utilizado como indicador antecedente do PIB, após ter crescido 0,10% em nov/23, o IBC-Br avançou 0,82% em dezembro, na série com ajuste sazonal. O número ficou em linha com a mediana apurada pelo Valor Data, de 0,8%. Em dez/22, o indicador recuava -0,31%, na mesma base comparativa.

O resultado na margem reflete a alta de 1,11% na produção industrial e de 0,31% no volume de serviços e a queda de -1,32% do varejo no período.

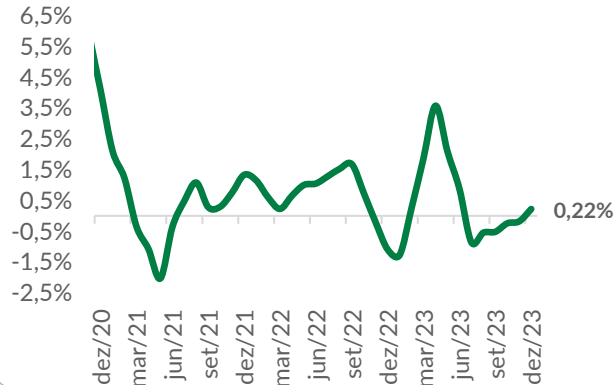
Ainda na série com ajuste sazonal, a variação trimestral ficou positiva em 0,22%, a primeira alta nos últimos 5 meses, após recuar -0,86% em jul/23; -0,55% em ago/23; -0,52% em set/23; -0,24% em out/23 e -0,18% em nov/23.

Com isso, o IBC-Br fechou o ano de 2023 com uma alta acumulada de 2,45%, ante 2,38% a.a. em nov/23 (2,77% em dez/22), praticamente eliminando as chances de uma contração econômica no 4T23. O carregio estatístico para 2024 ficou em 0,70%.

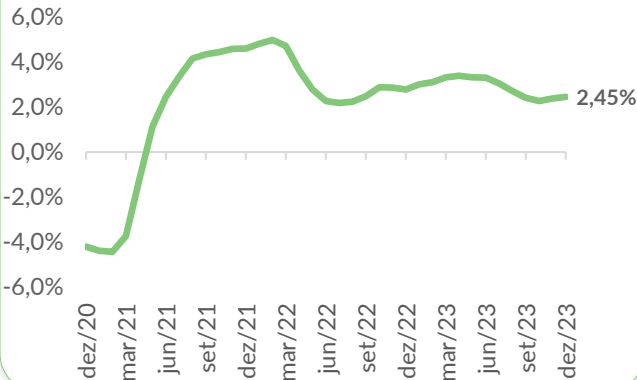
Variação Mensal
Com ajuste sazonal



Variação Trimestral
Com ajuste sazonal



Evolução Anual
Acumulado em 12 meses



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

IGP-10 – Fev/24

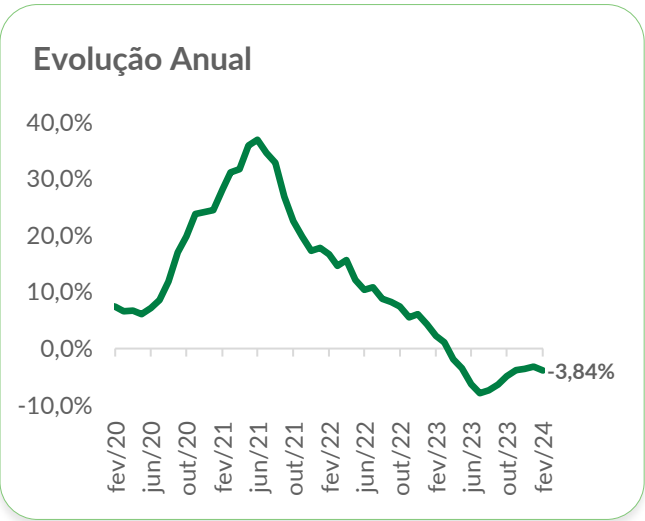
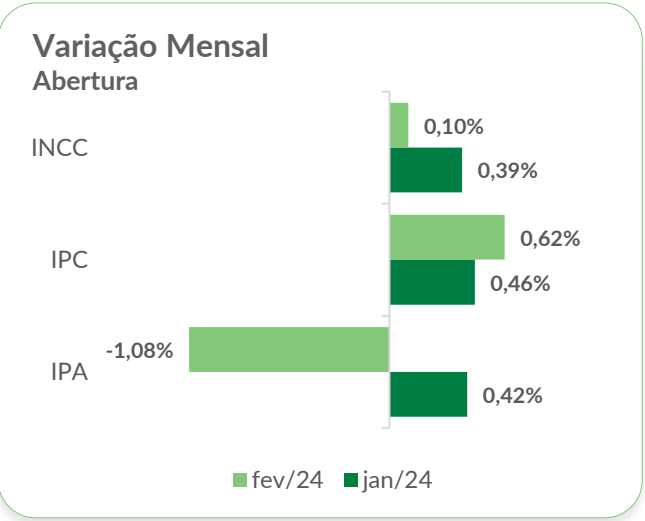
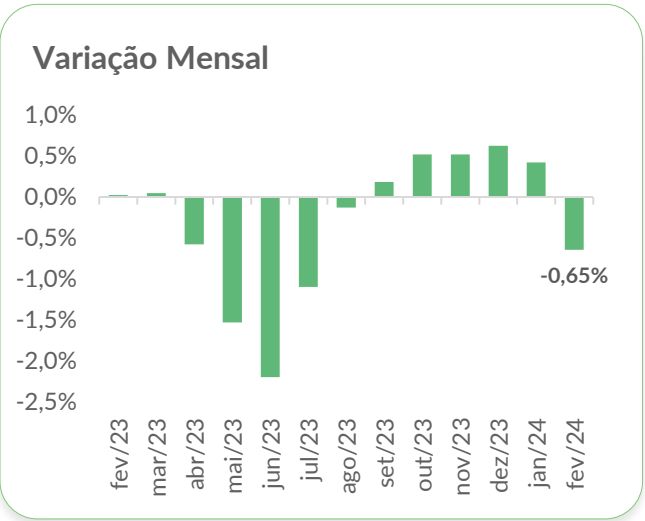
Após registrar 0,42% em jan/24, a inflação medida pelo IGP-10 recuou -0,65% em fevereiro, acumulando uma variação de -0,23% no ano. Em 12 meses, a deflação ampliou-se de -3,20% a.a. em jan/24 para -3,84% a.a. (2,26% a.a. em fev/23).

Oscilando de uma alta de 0,42% em jan/24 para uma queda de -1,08%, a deflação do IPA beneficiou-se da redução nos custos dos produtos agropecuários (de 2,22% para -2,36%), e em menor medida dos industriais (de -0,22% para -0,61%). Com isso, acumulou uma deflação de -6,45% a.a. (-5,57% a.a. em jan/24).

Por estágios de produção do IPA, as matérias-primas brutas variaram de um avanço de 1,88% para uma retração de -2,63%, por causa das variações: soja (de -1,26% para -15,01%), milho (de 10,52% para -4,99%) e minério de ferro (de 3,65% para -1,05%). Em sentido oposto, os movimentos mais relevantes foram para: mandioca (de -2,61% para 10,45%), leite *in natura* (de -0,74% para 3,12%) e cana-de-açúcar (de -1,35% para -0,42%). Ainda, a variação dos bens finais reduziu-se de +1,04% em jan/24 para 0,33%, influenciada pela desaceleração no subgrupo de alimentos *in natura*, cuja taxa passou de 8,91% em jan/24 para 3,90%. Já a variação dos bens intermediários passou de -1,42% para -0,93%.

O IPC indicou uma variação positiva de 0,62% em fevereiro, após o incremento de 0,46% em jan/24. Assim, a taxa anualizada ampliou-se de 3,42% a.a. em jan/24 para 3,50% a.a.. Houve acréscimo em 5 das 8 classes de despesas, destacando-se as variações em Despesas Diversas (0,08% para 1,80%), Saúde e Cuidados Pessoais (0,05% para 0,41%) e Transportes (-0,11% para 0,14%). Em compensação, os grupos Vestuário (0,59% para -0,20%), Educação, Leitura e Recreação (1,37% para 1,23%) e Alimentação (1,41% para 1,37%) apresentaram decréscimo em suas taxas.

Por fim, o INCC variou 0,10%, após uma alta de 0,39% em jan/24. Os componentes apresentaram as seguintes variações: Materiais e Equipamentos (0,44% para -0,05%), Serviços (0,05% para 0,58%) e Mão de Obra (0,37% para 0,23%). Na taxa anualizada, o indicador acumulou uma alta de 3,06% a.a. (3,30% a.a. em jan/24).



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

IC-Br – Jan/24

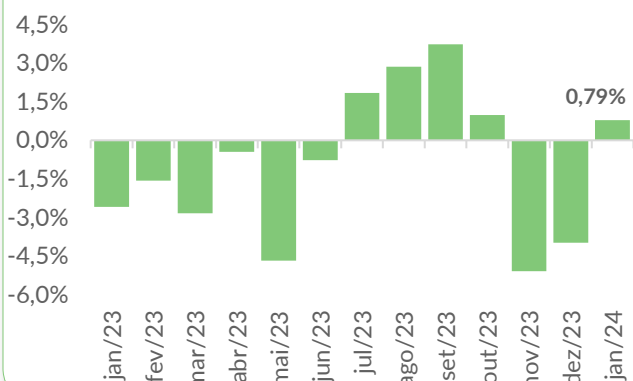
Após as quedas consecutivas de -5,09% em nov/23 e de -3,98% em dez/23, o Índice de Commodities do Banco Central (IC-Br) apresentou uma alta de 0,79% em janeiro. Em 12 meses, o indicador acumulou uma retração de -9,25% a.a. (-12,28% a.a. em dez/23 e -6,89% a.a. em jan/23).

O avanço mensal do índice decorreu da variação de 1,05% no grupo de Agropecuária (-3,78% em dez/23) e de 0,67% de Metal (0,02% em dez/23). Já o grupo de Energia apontou uma redução de -0,28% (-8,05% em dez/23).

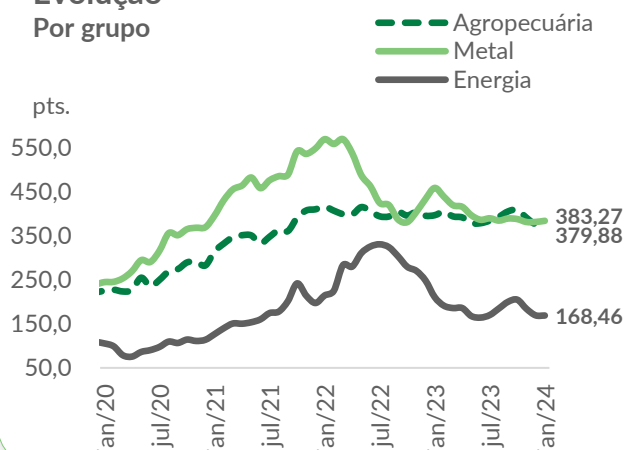
Em janeiro, os grupos mantiveram variações negativas nas taxas acumuladas em 12 meses. Energia registou uma queda de -19,90% a.a., Metal de -16,32% a.a., Agropecuária de -4,18% em Agropecuária.

Após uma variação negativa de -3,26% em dez/23, o *Commodity Research Bureau* (CRB), que é baseado no mercado à vista e medido em dólares, recuou -0,66% na margem em janeiro. O indicador passou de 367,34 pts. em dez/23 para 364,91 pts.. No acumulado em 12 meses, registrou uma queda de -13,31%, contra -10,27% no mesmo período do ano anterior.

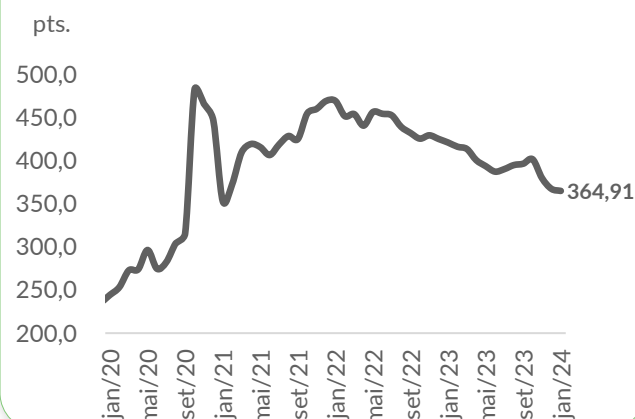
Variação Mensal – Índice Composto



Evolução Por grupo



Índice CRB*



*Baseado no mercado à vista, o índice é uma medida dos movimentos de preços de produtos básicos mais sensíveis a mudanças nas condições econômicas.

Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	3,0	1,6
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	8,4
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	8,0
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,8
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	3,7
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,00
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	81,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-37,2
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	4,93
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,8
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-6,8
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	63,6
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688